

CONSTRUÇÃO DO HIPÓDROMO DE UVARANAS NO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA-PR: UMA ANÁLISE DE CONJUNTURA

Guilherme Moreira Caetano Pinto¹

Thaiane Moleta Vargas²

Carlos Maurício Zaremba³

Bruno Pedroso⁴

Constantino Ribeiro de Oliveira Junior⁵

Alfredo Cesar Antunes⁶

Resumo: O presente estudo objetivou efetuar uma análise de conjuntura acerca da construção do Hipódromo de Uvaranas (Prado), localizado no município de Ponta Grossa-PR. A coleta de dados ocorreu através de busca em documentos disponíveis na Casa da Memória de Ponta Grossa-PR, bem como em jornais, livros e artigos que abordavam o Hipódromo de Uvaranas ou a sociedade Pontagrossense no final do século XIX. Observou-se que a expansão do turfe brasileiro no final do século XIX e o interesse político nacional pela prática da equinocultura impulsionaram o turfe no município de Ponta Grossa – PR. Além disso, havia um forte engajamento político e social que oportunizou aos fundadores construir o Hipódromo de Uvaranas sem encontrar resistência.

Palavras-chave: Hipódromo; Ponta Grossa; História.

Construction of the Uvaranas Hippodrome in the Municipality of Ponta Grossa-PR: A Conjuncture Analysis

Abstract: This study aims to carry out an analysis of the situation regarding the construction of the Hippodrome of Uvaranas (Prado) located in the municipality of Ponta Grossa-PR. Data collection took place by searching documents available at the Memory House of Ponta Grossa-PR, as well as in newspapers, books and articles that addressed the Hippodrome of Uvaranas or Ponta-Grossense society at the end of the 19th century. It was observed that the expansion of Brazilian turf in the late 19th century and the

¹ Universidade Estadual de Ponta Grossa – Ponta Grossa – Brasil. Contato: guilherme-coxa@uol.com.br

² Universidade Estadual de Ponta Grossa – Ponta Grossa – Brasil. Contato: thaiane_moleta@yahoo.com.br

³ Universidade Estadual de Ponta Grossa – Ponta Grossa – Brasil. Contato: zaremba@uepg.br

⁴ Universidade Estadual de Ponta Grossa – Ponta Grossa – Brasil. Contato: brunopedroso@uepg.br

⁵ Universidade Estadual de Ponta Grossa – Ponta Grossa – Brasil. Contato: constantino@uepg.br

⁶ Universidade Estadual de Ponta Grossa – Ponta Grossa – Brasil. Contato: alfredo.cesar@hotmail.com

national political interest in the practice of equinoculture boosted the turf in Ponta Grossa-PR city. In addition, there was a strong political and social interest that made it possible for the founders not to encounter resistance for the construction of the Hippodrome de Uvaranas.

Keywords: Hippodrome; Ponta grossa; History.

Construcción del hipódromo de Uvaranas em la Cidade de Ponta Grossa-PR: um análise de conjunción

Resumem: El presente trabajo tiene por objeto realizar un análisis de coyuntura de la construcción del Hipódromo de Uvaranas (prado) ubicado en la ciudad de Ponta Grossa. La recopilación de datos realizó mediante la búsqueda de documentos disponibles en la Casa de la Memoria de Ponta Grossa-PR, así como en periódicos, libros y artículos que se dirigieron al Hipódromo de Uvaranas o la sociedad Pontagrossense a fines del siglo XIX. Se observó que la expansión del turfe brasileño a fines del siglo XIX y el interés político nacional en la práctica de la equinocultura impulsó el turfe en la ciudad de Ponta Grossa-PR. Además, hubo un fuerte interés político y social que hizo posible que los fundadores no encontraran resistencia para la construcción del Hipódromo de Uvaranas.

Palabras-Clave: Hipódromo; Ponta Grossa; Historia.

Introdução

A construção de espaços esportivos no Brasil é de longa data. No entanto, assim como os estudos que abarcaram a temática esporte em seu escopo, investigações que contemplem a edificação destes espaços também tardaram a surgir. Por outro lado, com a expansão acadêmica, é possível afirmar que há dificuldade em acompanhar o crescimento de pesquisas relacionadas ao esporte devido ao aumento da quantidade de trabalhos (JEUKEN, 2017).

Os estudos sobre o esporte possibilitam análises acerca das práticas corporais direcionadas a saúde, a educação, ao rendimento esportivo e ao lazer, dentro de uma perspectiva sociocultural (BRACHT, 1995; CAETANO, 2010; FURTADO; NAMAN, 2014; PAIXÃO, CUSTÓDIO; BARROSO, 2014). Não obstante, é prudente ressaltar que desde a confirmação de que o Brasil iria sediar a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, emergiram pesquisas direcionadas a análise da construção de espaços esportivos e seu legado (TAVARES, 2011; CURI, 2013).

A construção de alguns espaços esportivos no Brasil, em meados do século XIX, foram impulsionadas pelo intento de fortalecer as corridas de cavalo, denominadas de turfe, que foram um dos primeiros esportes de competição praticados no país (LABROCINI, 2016; LABRONICI, 2018). Quanto a terminologia cabe destacar que no período do turfe as corridas de cavalo se tornaram mais organizadas, tendo suas disputas regidas por regras bem definidas (KARL, 2017). Face ao exposto, neste estudo o termo “Corridas de Cavalo” refere-se a práticas menos sistematizadas referentes a gênese do esporte, enquanto o termo “Turfe” compreende a uma

manifestação mais organizada, com a construção e utilização de espaços destinados a este fim.

No Brasil, a construção dos hipódromos foi acompanhada da fundação dos Jóqueis-clubes. Tem-se como exemplos o Prado Fluminense no Rio de Janeiro (1849), o Hipódromo da Mooca em São Paulo (1876), o Prado Porto-Alegrense (1872), o Prado de Navegantes (1891), entre outros que visavam atender as necessidades dos Jóqueis-Clubes locais (XAVIER; FREITAS, RIGO, 2014; KARLS, 2017).

Acerca das terminologias utilizadas para se referir ao local de prática do turfe ressalta-se que o presente estudo, alicerçado no exposto por Xavier, Freitas e Rigo (2014), entende o hipódromo como uma estrutura composta por uma pista oval, elíptica ou circular destinada a prática do Turfe. Em sentido semelhante, o dicionário Michaelis (2020) define Hipódromo como uma pista para a prática do turfe que apresenta estrutura adicional para público como arquibancada e outras instalações. Outro termo utilizado é Prado, que para o mesmo dicionário refere-se a uma segunda acepção da palavra Hipódromo. O Jóquei-clubes, por sua vez, trata-se da associação de pessoas que almeja promover o turfe (MICHAELIS, 2020).

O supracitado esporte, tanto na construção de Hipódromos como na fundação de Jóqueis-clubes, ocupou importante papel na história do Brasil e influenciou as relações sociais, a esfera econômica e cultural de diferentes localidades. Além disso, o turfe ocupou posição de destaque na transição para o esporte moderno, estabelecendo alguns modelos para a formação de clubes e centros esportivos (XAVIER; FREITAS; RIGO, 2014).

Em virtude deste contexto, diversos estudos analisam a história do turfe sob o prisma de sua relevância política, econômica e social para a época, bem como a construção de hipódromos e fundação de Jóqueis-clubes em diferentes localidades (ADELMAN; MORAES, 2008; PEREIRA; SILVA; MAZO, 2010; XAVIER; FREITAS; RIGO, 2014; SANTOS, 2015).

Destaca-se que o Hipódromo de Uvaranas (prado), localizado em Ponta Grossa-PR e construído no ano de 1890 (COMPAC, 2003), trata-se de um espaço centenário ainda pouco estudado. Em reportagem no programa Meu Paraná, exibido pela Rede Paranaense de Comunicação (RPC) no dia 3 de outubro de 2015, foram apresentadas duas entrevistas que buscaram retratar a importância do Hipódromo de Uvaranas para o município de Ponta Grossa-PR no final do século XIX. Ângela Pilatti, ex-diretora do departamento de patrimônio cultural do município de Ponta Grossa, relata que as corridas de turfe realizadas no hipódromo de Uvaranas eram o evento mais importante destinado a diversão popular da cidade. Em complemento, o ex-diretor do Jockey Club de Ponta Grossa-PR afirma em seu depoimento que a maior parte das pessoas acompanhavam as festividades que aconteciam no Hipódromo. A reportagem cita ainda, se referindo aos jornais da época, porém sem mencionar quais eram, que o público chegava em comboios no espaço para assistir as corridas e/ou participar das festas que lá aconteciam (RPC, 2015).

Neste sentido, uma análise de conjuntura acerca da construção do Hipódromo de Uvaranas permite que se entenda quais fatores influenciaram a construção do espaço. Ademais, tem o potencial para fornecer elementos para a compreensão das práticas assumidas, bem como a realização de uma importante análise sociocultural.

Face ao exposto, o objetivo do presente estudo é efetuar uma análise de conjuntura acerca da construção do Hipódromo de Uvaranas, localizado no município de Ponta Grossa-PR. Para tal, foi utilizado o método proposto por Souza (1996) e seguiu-se as seguintes etapas: (a) definiu-se o objetivo e os objetivos; (b) Fase da Descrição ou Pesquisa; (c) Explicação dos pressupostos de análise; (d) Análise propriamente dita; (e) Síntese; (f) Repercussão sobre a prática.

Adicionalmente, utilizou-se como categorias para a análise de conjuntura o acontecimento, cenários, atores, relações de força e articulação entre “estrutura” e “conjuntura”. Os documentos foram coletados na Casa da Memória de Ponta Grossa-PR, no período de agosto a dezembro de 2019, bem como em jornais, livros e artigos que abordavam o Hipódromo de Uvaranas ou a sociedade Pontagrossense do final do século XIX.

Hipódromo de Uvaranas

O hipódromo de Uvaranas localiza-se na cidade de Ponta Grossa-PR, no bairro de Uvaranas. O referido município situa-se no Estado do Paraná e localiza-se a aproximadamente 116 quilômetros da capital Curitiba. Sua extensão territorial é de 2.054,732 quilômetros. A população estimada é de 351.736 pessoas, com um PIB per capita de 42.208,23 reais e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) com escore de 0,763 pontos (IBGE, 2018).

O bairro de Uvaranas, que empresta o nome ao hipódromo em análise no presente estudo, se desenvolveu a partir de 1870, época na qual sua dimensão compreendia a 4.900 hectares. A origem de Uvaranas remete a imigrantes alemães, cuja religião predominante era a católica e as atividades eram agrícolas. No século XX houve a expansão do bairro, que foi gradativamente assumindo uma característica mais urbana e, em 2019, contava com cerca de 45 mil habitantes, sendo o mais populoso do município de Ponta Grossa-PR (UEPG, 2019).

O Hipódromo de Uvaranas tem em seu espaço uma área de 7,5 alqueires (DIÁRIO DA MANHÃ, 1991). O imóvel é propriedade do Jockey Clube Ponta Grossa, cuja sede é um edifício construído em alvenaria que apresenta linguagem de arquitetura eclética. Sua estrutura conta com um pavimento, porão e cobertura de uma água com beiral que cobre a arquibancada. Além disso, a pista de corrida apresenta característica ovalada (COMPAC, 2001). Desde 2003, a arquibancada do Hipódromo de Uvaranas foi tombada conforme registro no 2º cartório da comarca local (FUNDAÇÃO CULTURAL DE PONTA GROSSA, 2003).

O supracitado espaço trata-se da principal referência do turfe na cidade de Ponta Grossa, visto a constante realização de corridas e apostas no local. Além disso, é visto como um patrimônio cultural do município, no qual ocorriam os principais festejos da cidade e eram recebidas as autoridades de todo o país (DIÁRIO DA MANHÃ, 2011). No entanto, o Hipódromo de Uvaranas não sediou mais corridas desde dezembro de 2017, quando os ventos fortes danificaram a arquibancada principal do local (SCREMIN, 2019).

Ex-ante: O contexto nacional do turfe e a sociedade Pontagrossense

A história do Turfe

O turfe é um dos esportes mais antigos do mundo e, após a sua evolução ao longo dos anos, tornou-se um negócio rentável. Não é possível afirmar quando iniciaram as corridas de cavalo. No entanto, sabe-se que o Turfe surgiu no século XVII, na Inglaterra. Nesta época foi criado o Jockey Club inglês, precisamente em 1750 (LABRONICI, 2016; SANTOS; VARGAS; REMEDI, 2020).

O Rei Calos II foi uma figura importante no surgimento do Turfe. Seu reinado inaugurou a realização de corridas com premiação aos vencedores, fato ocorrido por volta 1660 a 1685. Há registros de que a primeira corrida formalmente patrocinada ocorreu no ano de 1665 em Long Island. Pouco depois, os eventos passaram a ser realizados em Newmarket Track, local patrocinado por Carlos II que se tornou sede das corridas inglesas (HARVEY, 1944 apud RIESS, 2014). Newmarket, então, é considerado o local da codificação do Turfe no século XVII e XVIII, sendo o preferido dos indivíduos mais influentes da sociedade e formadores de opinião. Entre os profissionais e aficionados, o local sempre teve essa característica de sede (CASSIDY, 2002).

Para além dos registros históricos supramencionados, observa-se que as corridas de cavalo foram realizadas antes mesmo do surgimento dos Hipódromos e locais específicos para a prática do turfe. No entanto, após o desenvolvimento do esporte no último terço do século XVII, as corridas de cavalos em raias improvisadas foram proibidas em alguns municípios ingleses como Jamestown, com a alegação de proteger os peões (HARVEY, 1944 apud RIESS, 2014).

Ainda assim, o esporte caiu nas graças da população e houve uma forte demanda por mais corridas públicas, ou seja, disputadas em eventos abertos com grandes campos de corredores. Neste contexto, o turfe se desenvolveu e levou os ingleses a importar cavalos de outras regiões do mundo. O entusiasmo da aristocracia britânica com o turfe, e a conseqüente busca pelos melhores cavalos, levou a maciça importação de animais árabes e berberes. Além disso, houve o incentivo ao cruzamento de animais que apresentavam biotipo favorável a prática das corridas, o que resultou no surgimento do cavalo puro-sangue, que na

verdade é um cavalo híbrido oriundo destes cruzamentos (BOWER et al., 2012; LABROCINI, 2016).

Ainda no século XVII, os cavalos puro-sangue evoluíram de uma mistura de cavalos árabes, turcos e barbaeiros com animais nativos ingleses, constituídos com auxílio da veterinária e do método científico. Tais cruzamentos resultaram em animais maiores e velozes, tornado os cavalos da raça puro-sangue mais valiosos e com potencial para influenciar a economia em diversos países (OLIVEIRA; 1989; BOWER et al., 2012; CORREA, 2013). Chama a atenção que, após um elevado movimento de sistematização, o turfe na Inglaterra deixa de ser uma competição casual para se tornar um esporte extremamente organizado (JEUKEN, 2017).

No século XIX as corridas inglesas se difundiram pelo mundo. No continente americano o Turfe foi alvo de grande interesse nos Estados Unidos, sendo considerado o primeiro grande esporte, atraindo multidões e contando com uma vasta cobertura de seus eventos. Assim como na Inglaterra, nos Estados Unidos o Turfe também era considerado um esporte da Elite. Isto ocorreu tanto no período pré-guerra como após a Depressão de 1837. O sucesso do esporte levou o surgimento de pistas proprietárias com fins lucrativos, e a possibilidade de apostas cresceu no país (RIESS, 2014).

O histórico levantado acerca da história do turfe no mundo, com foco na Inglaterra, não menciona em grande escala a construção dos Hipódromos. Ainda assim, é possível identificar que as corridas de cavalo surgiram antes da sistematização do esporte e construção de raias específicas. Um relato que evidencia esta afirmação é a proibição da execução de tais práticas em raias improvisadas. Outro ponto notável é o interesse político, exemplificado pela ação do Rei Carlos II no fomento deste esporte. Por fim, ressalta-se a informação de que o modelo britânico de gestão do turfe foi copiado por outras nações que desenvolveram o turfe, implicando na forma como os hipódromos eram construídos.

O contexto do turfe nacional

No Brasil, sob influência inglesa especialmente na importação das ideias de progresso, a prática do turfe teve início no século XIX e foi difundida no século XX (SANTOS, 2015; KARLS, 2017; MELO, 2018; MELO, 2019, MELO, 2020).

O berço do turfe no Brasil é a cidade do Rio de Janeiro, local em que foi construído o Prado Fluminense, no ano de 1849 (MELO, 2019). No entanto, as corridas de cavalo em território carioca ocorreram antes da construção do Prado Fluminense, e indicam que o processo de desenvolvimento deste esporte ocorreu de forma gradativa.

No período de construção do Prado Fluminense estava ocorrendo o fim do tráfico negreiro, e a região sudeste passava por uma expansão da lavoura de café e instalação das primeiras indústrias, o que oportunizou

a ativação de diversos setores da economia nacional, tais como o setor de entretenimento. O turfe surgiu desta expansão (SANTOS, 2015).

Cabe destacar que outras regiões do Brasil viviam em uma economia majoritariamente agrária. Logo, o turfe passou a ser capaz de atrair a atenção de indivíduos de distintas classes sociais, tornando-se relevante em âmbito social e econômico (SANTOS, 2015).

Neste contexto, a consolidação do turfe no Rio de Janeiro esteve relacionada a diferentes momentos de urbanização, organizando-se em regiões da periferia carioca com apoio mútuo entre a elite carioca e o Estado. Acredita-se que as primeiras corridas de cavalo ocorreram entre os anos de 1820 e 1840, na Praia de Botafogo, que na época ainda era de difícil alcance (MELO, 2019).

Observa-se, então, que as corridas de cavalo surgiram antes da construção dos espaços para estes eventos e o surgimento dos clubes. Como citado anteriormente, o Prado Fluminense surge em 1849 (MELO, 2019) e segundo Carvalho (apud JCB, 2019) a criação de uma associação anônima denominada “Clube de Corridas” ocorreu em 1847.

Estas associações eram formadas por membros da elite que conseguiam se aliar ao Estado para obter benefícios e outras facilidades (SANTOS, 2015), o que impulsionava o surgimento dos hipódromos. Pouco depois de sua fundação, o Clube de Corridas adquiriu um terreno no qual foi instalado o Prado Fluminense.

Após a criação do Prado Fluminense, o turfe deixou de ocorrer em raias improvisadas e passou ser realizado neste espaço. Em que pese a importância do Rio de Janeiro no desenvolvimento do turfe, é prudente mencionar que havia outros hipódromos em funcionamento no mesmo período (MELO, 2019).

O turfe emerge na sociedade carioca do século XIX como uma etapa necessária para que as elites brasileiras conseguissem tornar o Brasil um “mundo civilizado” (ADELMAN; MORAES, 2008). Neste sentido, não havia a percepção do Turfe apenas como um entretenimento, mas também a possibilidade do desenvolvimento de um pensamento civilizador que fomentasse o desenvolvimento tecnológico para a pecuária brasileira (SANTOS; GIGLIO, 2017). No entanto, para atingir tal objetivo, a elite fez uso de tradições que pertenciam ao meio rural, como a prática das corridas de cavalo (ADELMAN; MORAES, 2008).

Cabe destacar ainda que, tal qual no desenvolvimento do turfe pelo mundo, no Brasil também houve uma preocupação com a criação de raça de cavalos aptos para a corrida. O primeiro cavalo nacional ficou conhecido como “potro Brasil”, no ano de 1874. Após um caminho de desenvolvimento com sucessos e fracassos, a criação da raça brasileira teve destaque na América do Sul (OLIVEIRA, 1989).

Em São Paulo, ainda na região sudeste, havia corridas de cavalo desde 1860. No entanto, apenas em 1875 surgiu o clube paulistano de corridas. Na região o Turfe foi instável, tendo momentos de apogeu e crise visto que, tal qual em outras localidades, sempre esteve ligado ao desempenho econômico (JEUKEN, 2017).

Na região Sul as corridas de cavalo, denominadas “carreiras”, eram recorrentes. Estes eventos ocorriam nas estradas dos vilarejos paralelamente as festas locais realizadas nas grandes fazendas (XAVIER; FREITAS, RIGO, 2014).

A análise da construção dos prados na região Sul demonstra que, além da necessidade de um espaço para realizar as corridas, a origem dos Prados advém da possibilidade de se efetuarem as apostas, e da busca por aproximar o Turfe a uma perspectiva de esporte moderno (XAVIER, FREITAS, RIGO, 2014). Xavier, Freitas e Rigo (2014) afirmam, utilizando a literatura de Melo (2007), que o esporte moderno se trata de uma manifestação que mantinha práticas corporais antigas, mas com algumas características específicas, como calendário competitivo, organização das competições, especialização em seu corpo técnico e potencial para gerar receitas.

Logo, sob a perspectiva do esporte moderno, a estrutura destes locais apresenta arquibancadas, sala de reuniões, bilheteria, guichê de apostas, além das dependências direcionadas aos cavalos (XAVIER; FREITAS; RIGO, 2014). Os autores Pereira, Silva e Mazo (2014) afirmam que em meados do século XIX ocorreu o desenvolvimento da esportivização e o surgimento de elementos do esporte moderno. Logo, parece haver coesão de que a perspectiva apresentada por Xavier, Freitas e Rigo (2014) quanto a construção dos Hipódromos da região sul reflete o cenário de desenvolvimento esportivo existente no final do século XIX.

No caso do Rio Grande do Sul, o surgimento das corridas estava ligado às relações de convívio no trabalho rural entre o cavalo e o homem. Destaca-se que estas corridas eram utilizadas como uma forma de imposição de um indivíduo sobre o outro, visto que quando se conseguia superar os cavalos adversários, conquistava-se o reconhecimento do proprietário perante a sociedade (PEREIRA; SILVA; MAZO, 2010).

Em meados do século XIX a região do Rio Grande do Sul, especialmente Porto Alegre, encontrava-se na ocorrência do processo de explosão demográfica, cultural e econômica. Além disso, era uma época em que diversos imigrantes passaram a residir nesta região. Todo este processo propiciou mudanças no quadro viário local que oportunizaram o surgimento das condições necessárias para a construção dos Prados de Corrida (PEREIRA; SILVA; MAZO, 2010). O pioneiro foi o prado Porto-Alegrense, inaugurado em 1872 (KARLS, 2017).

O contexto supracitado traz elementos interessantes acerca do papel da imigração no processo de construção dos Prados de Corrida. Segundo Pereira, Silva e Mazo (2010), a presença luso-brasileira na cidade de Porto Alegre foi fundamental para o desenvolvimento do Turfe na região.

Cenário semelhante ocorreu em Curitiba, no Paraná. O Turfe em Curitiba chegou no mesmo formato do turfe praticado no Rio de Janeiro, e teve influência do processo de urbanização. No entanto, no caso de Curitiba, havia um interesse do Estado no desenvolvimento do esporte e de suas instituições. O Jockey Club do Paraná foi fundado em 1873 por

intermédio de Luis Jácome, oficial da cavalaria imperial, que cumpriu determinações de Dom Pedro II para promover a equinocultura na região Sul do Brasil (GALOPANDO, 2018).

A partir da evolução do turfe em diferentes localidades, o Brasil chegou a alcançar no ano de 1986, mais de um século depois da criação da maioria dos hipódromos, a terceira posição no ranking mundial de páreos realizados, com 10350 ocorrências, atrás de Estados Unidos (77733) e Austrália (25096) (OLIVEIRA; 1989). Isto demonstra a relevância que o Turfe teve em contexto nacional.

De maneira geral, a construção dos Hipódromos pelo Brasil ocorreu em meio a um processo de urbanização, imigração e associação de membros da elite. Além disso, contou com um interesse e parcerias com o Estado, tal qual ocorreu no desenvolvimento do turfe na Inglaterra. Ciente do contexto de ocorrência do fato relacionada ao objeto de estudo, serão apresentadas algumas características da sociedade Pontagrossense.

O contexto local: A sociedade de Ponta Grossa nos séculos XIX e XX

A cidade de Ponta Grossa teve a sua primeira marcação territorial composta por grandes fazendas. Ainda sob o Império de Dom Pedro I, o município era considerado uma “freguesia”, ou seja, um pequeno povoado, de acordo com as concepções de Portugal. Em 1862 Ponta Grossa foi elevada à categoria cidade, fortalecendo o seu núcleo urbano no final do século XIX, com a instalação das estradas de ferro (RUMBESPELGER, 2004).

No final do século XIX e início do século XX o município de Ponta Grossa apresentava um rústico perfil urbano, mas era vista como progressista e destinada a ser a capital centro do Paraná (ZULIAN, 1998).

Em âmbito político, a sociedade Pontagrossense vivia em um jogo entre liberais e conservadores. Os membros da elite, ativos no âmbito político, eram proprietários de terra, industriais e comerciantes. Na estrutura social e econômica, estavam ocorrendo sensíveis transformações que se evidenciavam em uma maior concentração urbana e certa dispersão rural em busca de outro tipo de atividade. Além disso, a cidade de Ponta Grossa apresentava uma preocupação de adequar-se à cultura moderna, burguesa, inclusive nas regiões rurais e nas fronteiras agrícolas (ZULIAN, 1988).

No século XIX a sociedade Pontagrossense caracterizava-se como escravagista, de característica rural, e economicamente dependente do tropeirismo (SOPELSA, 2011; HOLOWATE, 2016). No entanto, uma crise econômica do final do século XIX mudou a economia da região, que passou a ser mais diversificada.

Neste sentido, houve um processo crescente de urbanização e industrialização. A cidade se tornou uma atração, passou a ser vista como o local do progresso, e adquiriu simbolicamente um status de

superioridade. Desta forma, os grandes proprietários rurais dirigiram-se aos centros urbanos. Nesta época foram construídas estradas de ferro, novas ruas, construções, o comércio foi fortalecido, e a população burguesa ascendia ao poder local apresentando ideais positivistas (ZULIAN, 1998; SOPELSA, 2011).

Outro ponto relevante foi a explosão demográfica que ocorreu, entre outros fatores, em virtude da imigração. Relatam-se, inclusive, festas de imigrantes russos, italianos, alemães e portugueses que chegaram ao município de Ponta Grossa almejando uma vida menos sofrida em meados de 1895 (SOPELSA, 2011).

No entanto, o processo de adaptação deste público ao município não foi simples, tendo em vista o processo de estigmatização dos imigrantes. Exemplificando, eram comuns crimes ou brigas na realização das festas promovidas por povos imigrantes. Tal processo levava estes indivíduos a serem vistos como fora de ordem ou desviantes. Ainda assim, a constante troca de experiências entre os integrantes de comitivas fez com que Ponta Grossa fosse caracterizada como uma trama social singular, na qual diferentes populações conviviam em um espaço dominado por lidas campeiras e pelo trato de animais (SOPELSA, 2011).

Já no final do século XIX, a sociedade Pontagrossense era bastante hierarquizada sob o alicerce do paternalismo de proprietários rurais, que monopolizavam o poder político da região. As famílias antigas de Ponta Grossa apresentavam-se defensores do progresso econômico e social da cidade, e defendiam a busca pela riqueza (SOPELSA, 2011).

Dentro desta perspectiva, algumas construções direcionadas ao trato animal foram efetuadas, tais como o matadouro municipal de Ponta Grossa, em 1888, símbolo de uma busca por se ajustar a racionalização do ambiente urbano e uma reorganização do espaço público, semelhante ao processo que estava ocorrendo em outras cidades (ROCHA; CARVALHO, 2017).

No que se refere ao Turfe, é prudente retomar a característica rural e direcionada ao trato de animais enraizada na cultura do município de Ponta Grossa no final do século XIX. Logo, tal qual ocorreu em outras localidades, as primeiras corridas de cavalo ocorriam como uma forma de entretenimento, produzidas por fazendeiros locais. Segundo a professora Maria de Lourdes Pedroso, o povo da época trabalhava e enriquecia sob a montaria. Desta forma, tornava-se natural que o principal meio de divertimento fossem as corridas de cavalo (DIÁRIO DA MANHÃ, 1991).

Neste contexto, mesmo não sendo possível apresentar a data de realização da primeira corrida de cavalo em Ponta Grossa, é certo que estas se sucediam constantemente nas fazendas da região já a partir do século XVIII, em raias montadas nos bairros do Rio Verde e no Cara-cará (DIÁRIO DA MANHÃ, 1991; COMPAC, 2003). Este cenário também é relatado em outras localidades, como no desenvolvimento do turfe no Rio de Janeiro (SANTOS, 2015; MELO; CHEVITARESE, 2018), no Sul do

Brasil (XAVIER; FREITAS, RIGO, 2014) e em Campinas (MONTENEGRO; SOARES, 2018).

Face ao exposto, observa-se que ao final do século XIX e início do século XX, época em que foi construído o Hipódromo de Uvaranas, Ponta Grossa se apresentava como um município progressista, com raízes no tropeirismo, característica predominantemente rural e com uma sociedade paternalista, com grandes fazendeiros dominando a política local.

Construção do hipódromo de Uvaranas

O acontecimento analisado pelo presente estudo é a construção do Hipódromo de Uvaranas, datada no ano de 1890 (COMPAC, 2003). O fato gerador da construção do referido hipódromo é a expansão do Turfe pelo Brasil, especialmente no Rio de Janeiro e no Sul do país, e a percepção deste esporte como um passo para a modernidade (PEREIRA; SILVA; MAZO, 2010; MELO, 2019). Ademais, destaca-se que o Turfe se desenvolveu em Ponta Grossa na transição do século XIX para o século XX, tal qual em outras localidades (KARLS, 2017; MELO, 2019; FREITAS, 2020).

Nesta época, os jovens da cidade de Ponta Grossa, filhos de grandes fazendeiros, partiam para os grandes centros estudar (ROCHA; CARVALHO, 2017). Neste sentido, as experiências vividas e o contato com o Turfe em expansão em diversas cidades nas quais eram inaugurados hipódromos, ajudam a explicar o interesse da elite de Ponta Grossa na construção de hipódromo em seu município.

O cenário em que ocorreu o acontecimento (construção do Hipódromo) foi a sociedade Pontagrossense. Na época de ocorrência do acontecimento Ponta Grossa apresentava perfil urbano rústico, era vista como progressista e tinha como ideais adequar-se à cultura moderna burguesa. Não obstante, apresentava um jogo político entre conservadores e liberais, do qual participavam proprietários de terra, industriais e comerciantes (ZULIAN, 1998).

A sociedade Pontagrossense apresentava-se em transição de sua característica rural e com dependência do tropeirismo (SOPELSA, 2011; HOLOWATE, 2016) para um momento de explosão demográfica, o aumento da imigração e urbanização (SOPELSA, 2011).

Neste sentido, distintas populações conviviam no mesmo espaço, que tinha como característica central as lidas campeiras e o trato de animais (SOPELSA, 2011). Logo, observa-se um cenário propício para o surgimento do Turfe, tal qual descreveu a professora Maria de Lourdes Pedroso (DIÁRIO DA MANHÃ, 1991), bem como a necessidade da criação de um local que fosse de encontro a racionalização dos espaços urbanos e contemplasse esta prática. A construção do Hipódromo de Uvaranas tem forte ligação com as raízes da cidade de Ponta Grossa-PR. Segundo Rumbespelger (2004), a criação equina acompanhou o desenvolvimento

dos Campos Gerais⁷, auxiliando principalmente no transporte e na realização de diversos trabalhos. De acordo com o autor, a montaria também estava presente em atividades folclóricas e esportivas.

Não obstante, Ponta Grossa sempre teve forte vocação ao que fosse relacionado à vida animal, seja na criação agropecuária, no meio de transporte, na época do tropeirismo ou em manifestações folclóricas, esportivas e de lazer (COMPAC, 2003).

Desde o tempo de “freguesia” eram inúmeras as corridas de cavalo organizadas nas fazendas em raias retas, mobilizando toda a população com muito entusiasmo, considerando as poucas opções de lazer existentes (RPC, 2015). Cabe mencionar que o lazer no presente estudo é entendido na perspectiva apresentada por Gutierrez (2001). Com base em Dumazidier, Gutierrez (2001) indica que o lazer é uma atividade que apresenta as seguintes características: liberdade de escolha, sendo a atividade uma opção do indivíduo; atividade desinteressada, não se constituindo em uma atividade de divulgação ideológica; hedonista, por buscar de alguma forma a sensação de prazer; e pessoal, por remeter a uma opção individual (GUTIERREZ, 2001).

Rumbespelger (2004) relata sobre o cenário que favoreceu a criação do Prado de Uvaranas:

[...] com a transformação de uma sociedade tradicional campeira para outra moderna, predominantemente urbana, desperta nos apreciadores das parelhas a necessidade de consolidar um espaço destinado à corrida de cavalos, bem como à criação e seleção de raças (p. 133). Posteriormente o contexto econômico e social de Ponta Grossa, entre o final do século XIX e o início do século XX, era propício para a criação de espaços destinados à convivência e à sociabilidade (p. 134).

Diante da necessidade social pela existência de um espaço para lazer e prática esportiva em uma cidade inclinada para o progresso, surge o Prado de Uvaranas (RUMBESPELGER, 2004). Os atores identificados na construção do Prado de Uvaranas pela presente análise são a Câmara Municipal de Ponta Grossa, o Governo do Estado do Paraná, os grandes fazendeiros e os membros da elite Pontagrossense.

Alguns personagens foram protagonistas para que tal edifício fosse construído, tais como Domingos Ferreira Pinto, Augusto Lustosa de Andrade Ribas, Vicente Machado, Ernesto Guimarães Vilela e Manoel Vicente Bittencourt (COMPAC, 2003; RPC, 2015).

Ao investigar sobre os atores mencionados constatou-se que Domingos Ferreira Pinto era um tropeiro e importante fazendeiro da região. O pecuarista afortunado foi agraciado com o título de Barão de

⁷ Campos Gerais refere-se a região pela qual tropeiros que partiram do Rio Grande do Sul passaram para chegar até São Paulo, no denominado caminho de Via mão. As cidades que compõe a região dos Campos Gerais são Palmeira, Castro, Tibagi, Jaguariaíva, Arapoti, Sengés, Piraí do Sul e Ponta Grossa. Esta última é considerada a referência da região tendo em vista o desenvolvimento de suas empresas, a realização de seus eventos ou por sua natureza (SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E DO TURISMO, 2020).

Guaraúna por Dom Pedro II, após hospedar em sua residência o Imperador por alguns dias do mês de maio de 1880 (UNICAMP, 2019).

Augusto Lustosa de Andrade Ribas, ou simplesmente Augusto Ribas, era um importante político da época e, junto com seu amigo, o Barão de Guaraúna, almejaram o espaço cedido pelo Governo do Paraná destinado ao Prado de Uvaranas (RPC, 2015).

Ainda com contribuição política para a construção do Prado de Uvaranas apresenta-se a figura de Vicente Machado. Este, graduado em direito, foi juiz na cidade de Ponta Grossa em 1883 e deputado estadual em dois mandatos. Em 1893 ocupava o cargo de vice-presidente do Estado (DIÁRIO DOS CAMPOS, 2014). Manoel Bittencourt era coronel e se tornou o primeiro prefeito eleito de Ponta Grossa, em 1891. Em seu governo, fez algumas melhorias estruturais na cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA, 2012). Por sua vez, Ernesto Vilela era membro de uma importante família local, e foi prefeito do município de Ponta Grossa entre os anos de 1896 e 1908. Todos os personagens até aqui citados dão nome a importantes avenidas e ruas do município de Ponta Grossa.

Por articulação política dos membros da elite da sociedade Pontagrossense foi possível a viabilização da edificação do turfe por meio do Hipódromo de Uvaranas. O terreno inicialmente fazia parte da chácara de Neves, cuja principal atividade era o cultivo de frutas e que mais tarde foi vendida para Jacob Nadal (COMPAC, 2003).

Após ser dividida em terrenos que foram vendidos a particulares houve a formação do bairro de Uvaranas. Este processo fortaleceu as atividades equinas, bem como gerou uma valorização dos terrenos e vilas próximas a região do Prado (COMPAC, 2003).

Neste contexto, o terreno do Prado de Uvaranas inicialmente fazia parte de uma chácara onde estavam situadas as colônias de Pellado, Uvaranas e Neves. A história registra que em janeiro de 1875, Augusto Lustosa de Andrade Ribas e Domingos Ferreira Pinto requereram na Câmara Municipal de Ponta Grossa um terreno para construir um Prado destinado a prática do Turfe. A cessão deste espaço ocorreu logo no dia seguinte (DIÁRIO DA MANHÃ, 1991).

Consta no arquivo público do Paraná a lei número 110, registrada no dia 27 de julho de 1890, que reconhecia o direito de posse sobre os terrenos das colônias Pellado, Uvaranas e Neves à Câmara Municipal de Ponta Grossa (COMPAC, 2003).

Os principais fundadores do Prado de Uvaranas foram Francisco e Augusto Ribas, Firmino Rocha, Antônio Peixoto, Vicente Machado, Manoel Bittencourt, e os irmãos Ernesto e Bonifácio Vilela. Posteriormente, foram agregados os senhores Rodolfo Osternack, Domingos Nadal, Bontolo Nadal, Paulo Castro, João Bach entre outros (COMPAC, 2003).

Nota-se que estes senhores pertenciam a elite e exerciam atividades políticas, eram grandes fazendeiros ou atacadistas. Com relação aos atores, observa-se que a articulação entre a Câmara Municipal de Ponta

Grossa, o Governo do Estado do Paraná, as lideranças políticas e grandes fazendeiros tornou possível a construção do Hipódromo, que contou com cessão rápida de terrenos e a associação dos membros da elite com a esfera política.

O Prado então passou a promover o Turfe. Os primeiros parques anunciados em jornais ocorreram no ano de 1900. Neste evento, os trens que trouxeram os turfistas a Ponta Grossa tiveram horário registrado, como forma de *marketing* para o sucesso da reunião. O jornal retratou que as pessoas eram recepcionadas com marchinhas tocadas pelas importantes bandas da cidade, como a Lyra dos Campos, a qual existe até a data de execução do presente estudo. Segundo a reportagem, o Prado incorporou-se na vida social da cidade garantindo dias de alegrias para todos, pois mesmo aqueles que não saíam vitoriosos, deixavam o Prado com satisfação e alegria (RUMBESPELGER, 2004).

No entanto, por vezes as corridas também geraram conflitos. Com o crescimento da cidade as raias foram se improvisando em arrabaldes localizados nos bairros da Ronda, de Oficinas e Uvaranas (COMPAC, 2003).

Logo, as forças políticas locais agiram no sentido de regulamentar o Turfe. A Câmara Municipal de Ponta Grossa, em 1910, passou a cobrar uma taxa de 20% sobre as corridas de cavalo praticadas em raias suburbanas (DIÁRIO DA MANHÃ, 1991).

Esta situação gerou um conflito local. Segundo Ribas Silveira, os mascates foram depenados em virtude da regulação fiscal e, em represália, atearam fogo no pavilhão amplo e na arquibancada do Prado (DIÁRIO DA MANHÃ, 1991). Cabe mencionar que a proibição das corridas de cavalo em raias improvisadas é similar ao que ocorreu no período de desenvolvimento do Turfe na Inglaterra. Naturalmente, havia um interesse das instituições que organizavam o esporte em manter o monopólio sobre ele.

O processo ágil para concessão do terreno, a mobilização dos membros da elite local, e as taxas cobradas sobre raias suburbanas mostram uma articulação política bastante favorável para a construção do Prado, e o interesse da elite local em manter o monopólio sobre o Turfe. Neste sentido, as relações de forças ficam expostas subliminarmente no processo de construção do Hipódromo de Uvaranas, visto o forte alinhamento dos atores que eram, ao mesmo tempo, membros da elite e políticos do município de Ponta Grossa. Logo, utilizou-se da força política de alguns membros para que se conseguisse a cessão dos terrenos e a regulamentação do Turfe na cidade, bem como as represálias quando houve ameaça ao grupo hegemônico.

Posteriormente a construção do Prado ocorreu a fundação do Jockey Club Pontagrossense, registrada em 06/01/1927. Este fato histórico consolidou o Hipódromo de Uvaranas e contou com o apoio de importantes cidadãos turfistas, a maioria políticos: Ossian Madureira Correia, José Miró de Freitas, Rodolpho Carlos Osternack. Outros turfistas apoiadores da fundação do Jockey Club Pontagrossense foram:

Theodoro Pinheiro Machado (agropecuário), Christiano Justus Júnior (empresário) e José de Azevedo Macedo (médico) (CORRÊA FERNANDES, 2017).

Novamente observa-se que tanto para a criação do Hipódromo, como para a fundação do Jôquei-Clube em Ponta Grossa, estiveram presentes personagens com influência política, todos fazendo parte da classe social mais elevada da época. Ainda assim, segundo Rumbespelger (2004), todas as classes participavam dos eventos organizados pelo Jôquei-Clube, com algumas especificidades:

O Jockey Club estabeleceu uma nova dinâmica ao Prado de corridas, pois sua criação está inserida num contexto de reorganização da sociedade Pontagrossense, que desejava materializar o sonho de progresso, conquistar a modernidade dentro da ordem e da civilidade.

O público que frequentava tanto as corridas no Prado quanto as reuniões sociais na sede do Jockey Club localizada no Edifício Sant'Ana pertencia, em sua maioria, às classes mais abastadas da sociedade local, aproveitando as ocasiões para demonstrar como estavam em sintonia com a moda e o comportamento dos grandes centros.

Mais populares eram as comemorações de aniversário da cidade, festa mais concorrida no calendário de eventos do município e que diversas vezes foi promovida pelo Jockey Club, com a participação de governadores do Estado, sempre recepcionados por uma multidão festiva (p. 135).

O Jockey Club Pontagrossense é um dos mais antigos do Brasil, e teve seu auge registrado entre as décadas de 1940 e 1950 (RPC, 2015). Nota-se, quanto a construção do Hipódromo, que o cenário social, político e econômico no final do século XIX até meados do século XX não era propício apenas em Ponta Grossa, mas em todo o Brasil.

As atividades dos espaços particulares, tais como clubes, cinemas, teatros, estádios e jôqueis, eram para as famílias abastadas um lugar de integração. Segundo Davis (1990), através deste processo a elite exprimia as dimensões dos papéis sociais através de eventos requintados em seus simbolismos e carregados de valores hierárquicos (PEREIRA; OLIVEIRA JÚNIOR, 2009).

A relação entre conjuntura e estrutura pode ser observada ao analisar todo o processo de construção do Prado de Uvaranas, que ocorreu em uma sociedade em transição no âmbito político e econômico. A estrutura estava sendo alterada com o início da república, e a conjuntura era de conflitos políticos acerca de liberais e conservadores.

Neste sentido, os grupos de elite se articulavam para mostrar o progresso e se ajustar a ideias da modernidade em suas ações, tais como a construção de alguns espaços. Para ilustrar essa relação, é interessante lembrar que o matadouro municipal de Ponta Grossa surge na mesma época (ROCHA; CARVALHO, 2017). Logo, a construção do Hipódromo de Uvaranas e o fortalecimento do Turfe local (conjuntura) apresentam forte relação com a estrutura, que seria a sociedade paternalista Pontagrossense.

Considerações Finais

Ainda que o turfe não se encontre em expansão no município de Ponta Grossa nos dias de execução do presente estudo, o Hipódromo de Uvaranas é um dos seus principais símbolos e trata-se de um patrimônio cultural da cidade, visto as distintas relações sociais estabelecidas no local.

A construção do Hipódromo de Uvaranas apresentou semelhança histórica com o surgimento do Prado Fluminense e do Prado Porto-Alegrense, bem como com o próprio surgimento histórico do Turfe na Inglaterra. Observou-se que primeiro surgiram as corridas, depois a associação entre fazendeiros e membros da elite que, por meio de parcerias com o Estado fomentaram a edificação dos Hipódromos. É inegável que isto pode ter ocorrido em virtude da influência do modelo de gestão do Turfe britânico sobre os outros países.

Observou-se que a expansão do Turfe nacional na época de construção do Prado e o interesse político nacional na prática da equinocultura impulsionaram o interesse pelo turfe e a construção do Hipódromo de Uvaranas.

Havia, então, um cenário propício para o surgimento do esporte e a construção do Hipódromo, visto o interesse político dos membros da elite e da população, que tinha o trato de animais como uma de suas práticas diárias. Neste sentido, os atores (Câmara Municipal de Ponta Grossa, o Governo do Estado do Paraná, os grandes fazendeiros e os membros da elite Pontagrossense) não encontraram resistência para a construção do Hipódromo. Tal cenário parece ter sido comum no desenvolvimento do Turfe em diversos países.

O presente estudo apresenta como limitação a escassez de documentos sobre o objeto de estudo, o que dificultou a descrição do papel dos atores na construção do Hipódromo de forma mais efetiva. Sugerem-se, para estudos futuros, análises acerca do papel do Hipódromo de Uvaranas no desenvolvimento da economia local, algo que tem sido discutido em pesquisas acerca de hipódromos tradicionais do país.

Por fim, ressalta-se que o presente estudo cumpriu o objetivo a que se propôs ao efetuar uma análise de conjuntura acerca da construção do Hipódromo de Uvaranas, apresentando o acontecimento, os cenários, os atores, as relações de força e articulação entre “estrutura” e “conjuntura”. Evidenciou-se que a construção do Hipódromo de Uvaranas ocorreu em ambiente favorável pelas características do município no final do século XIX, e contou com apoio político e social a sua edificação.

Referências

ADELMAN, Miriam; MORAES, Fernanda Azeredo de. Tomando as rédeas: um estudo etnográfico da participação feminina e das relações de gênero no turfe brasileiro. *Revista Esporte e Sociedade*, v. 3, n. 9, p. 1-29, 2008.

BOWER, Mim et al. The genetic origin and history of speed in the thoroughbred racehorse. *Nature Communications*, v. 3, n. 643, p. 1-8, 2012.

BRACHT, Valter. Mas, afinal, o que estamos perguntando com a pergunta "o que é Educação Física". *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. I-VIII, 1995.

CAETANO, Angélica. A Educação Física em tempos modernos... No derretimento dos 'sólidos' e na era da 'fluidez'. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, v. 14, n. 141, p.1-1, 2010.

CASSIDY, Rebecca. *The sport of kings: Kinship, Class, and Thorough bred Breeding in Newmarket*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

CONSELHO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL. *Ofício circular (2001)*. Jockey Clube Ponta-Grossense. Ponta Grossa: COMPAC, 2001.

CONSELHO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL. *Ofício circular (2003)*. História do Turfe em Ponta Grossa. Ponta Grossa: COMPAC, 2003.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. As corridas de cavalo na colônia alemã do sudoeste africano (1884-1914). *Cadernos de Estudos Africanos*, v. 26, n. 1, p. 127-152, 2013.

CORRÊA FERNANDES, Josué. *Ponta Grossa: história mínima*. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2017.

CURI, Martin. A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 65-88, 2013

DIÁRIO DA MANHÃ. Jôquei Clube Ponta-grossense. *Diário da Manhã*, Ponta Grossa, 12 abril, 1991, Geral, p. 10

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ruas da História: Ernesto Vilela. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 10jul, 2014. Disponível em: <<https://www.diariodoscamos.com.br/post/ernesto-vilela>>. Acesso em: 08 dez. 2019.

DIÁRIO DOS CAMPOS. Ruas da História: Vicente Machado. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 10jul, 2014. Disponível em: <<https://www.diariodoscamos.com.br/post/ernesto-vilela>>. Acesso em: 08 dez. 2019.

FREITAS, Gustavo da Silva. As corridas de cavalo como divertimento no bairro-balneário Cassino em meados do século XX (1940-1960). *Conexões*, v. 18, n. 1, p. 1-18, 2020.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE PONTA GROSSA. *Ofício circular (2003)*. Notificação preliminar de tombamento do imóvel. Ponta Grossa: COMPAC, 2003.

FURTADO, Heitor Luiz; NAMAN, Maíra. Formação do pesquisador em educação física: análises epistemológicas. *Pensar a Prática*, Goiânia: v. 17, n. 3, p. 751-765, jul./set. 2014.

GALOPANDO. Jockey Clube do Paraná. *Galopando*. Curitiba, 04mai, 2018. Disponível em: <<http://galopando.com.br/jockey-club-do-parana/>>. Acesso em: 08 dez. 2019.

GUTIERREZ, Gustavo. *Lazer e Prazer: questões metodológicas e alternativas políticas*. Campinas: Autores Associados, 2001.

IBGE. Ponta Grossa. 2018. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/ponta-grossa.html>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

JOQUÊI CLUBE BRASILEIRO. *A história do Jockey Clube brasileiro*. Disponível em: <<https://jcbinforma.com.br/historia/>>. Acesso em: 08 dez. 2019.

JEUKEN, Bruno. Esporte na primeira república: a história do espetáculo. *Revista de História*, São Paulo, n. 176, p. 1-10, nov. 2017.

KARLS, Cleber Eduardo. *Modernidades Sortidas: O esporte oitocentista em Porto Alegre e no Rio de Janeiro*. 2017. 186 f. Tese (Doutorado em história comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LABRONICI, Rômulo Bulgarelli. A pureza do Sangue híbrido: Os bastidores do turfe para a produção de cavalos e homens de corrida. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 17, n. 42, p. 447-460, 2016.

LABRONICI, Rômulo Bulgarelli. O vício inerente: Fronteiras materiais, simbólicas e morais nas apostas do turfe. *Anuário Antropológico*, Brasília, v. 43, n. 1, p. 67-92, 2018.

MELO, Victor Andrade de. Forjando a Capital: As experiências dos primeiros clubes de turfe e remo de Niterói (décadas de 1870-1880). *Tempo*, Niterói, v. 26, n. 1, p. 44-66, 2018.

MELO, Victor Andrade de. Um hipódromo suburbano: a experiência do Club de Corridas Santa Cruz (Rio de Janeiro-1912/1918). *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 40, p. 157-184, 2019.

MELO, Victor Andrade de. Inglaterra, França e Argentina: circulação de ideias na imprensa esportiva do Rio de Janeiro no século XIX. *Estudos Ibero-americanos*, v. 46, n. 2, p. 1-17, 2020.

MELO, Victor Andrade de. CHEVITARESE, André Leonardo. Embates na sociedade fluminense: a experiência do Prado Guarany (1884-1890). *Revista Brasileira de História*, v. 38, n. 78, p. 235-258, 2018.

MONTENEGRO, Nero Romero; SOARES, Carmem Lúcia. Corridas de Cavalos em Campinas: Das ruas e dos quilombos ao hipódromo. *Pensar a prática*, v. 21, n. 2, p. 418-432, 2018.

OLIVEIRA, Luis Fernando Soave. *Fatores que influenciam no desempenho e seleção de cavalos de corrida da raça puro sangue inglês*. 1989. 181 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Universidade de São Paulo, Piracicaba.

PAIXÃO, Jairo Antônio da; CUSTÓDIO, Glauber César Cruz; BARROSO, Yuri Windson Santos. Atuação de licenciados em educação física nas academias de ginástica: uma análise a partir dos saberes docentes. *Pensar a prática*, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 701-717, 2014.

PEREIRA, Denise; OLIVEIRA JR, Constantino Ribeiro de. Sant'ana: mudanças e novos significados na maior festa religiosa da cidade de Ponta Grossa – PR. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, Carreiros, v. 1, n. 2, p. 1-10, 2009.

PEREIRA, Ester Liberato; SILVA, Carolina Fernandes; MAZO, Janice Zarpellon. O turfe em Porto Alegre/Rio Grande do Sul: aspectos históricos de uma prática cultural esportiva. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, v. 150, p. 1-15, 2010.

PEREIRA, Ester Liberato; SILVA, Carolina Fernandes; MAZO, Janice Zarpellon. Os primeiros vestígios da esportivização das práticas equestres em Porto Alegre. *Revista Ciência em Movimento*, Taguatinga, v. 22, n. 2, p. 121-132, 2014.

PREFEITURA DE PONTA GROSSA. *A rua Augusto Ribas*. Disponível em: <<http://www.pontagrossa.pr.gov.br/node/13357>>. Acesso em: 08 dez. 2019.

PREFEITURA DE PONTA GROSSA. *A rua Coronel Bittencourt*. Disponível em: <<http://www.pontagrossa.pr.gov.br/node/13319>>. Acesso em: 08 dez. 2019.

DA ROCHA, Lucas Vinicius Erichsen; DE CARVALHO, Alessandra Izabel. Mapeando cerceamentos e o lugar da matança animal: o caso do Matadouro Municipal de Ponta Grossa. *Antíteses*, Londrina, v. 10, n. 19, p. 397-424, 2017.

RIESS, Steven. The Cyclical History of Horse Racing: The USA's oldest (sometimes) Most popular Spectator Sport. *The international Journal of the history of Sport*, v. 31, n. 1-2, p. 29-54, 2014.

REDE PARANAENSE DE COMUNICAÇÃO. *Meu Paraná*, exibido em: 03/10/2015. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4509063/?s=0s>>. Acesso em: 23 dez 2021.

RUMBESPELGER, Robson Vinicius. Jockey Club Pontagrossense: Esporte, Lazer e Sociabilidade. In: CHAVES, Niltonci Batista. *Visões de Ponta Grossa: cidade e instituições*. Ponta Grossa: UEPG, 2004.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Economia do entretenimento: o processo de monopolização do primeiro empreendimento esportivo no Brasil (1850-1930). *Economia e Desenvolvimento*, Santa Maria, v. 27, n. 1, p. 202-222, jan./jul 2015.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; GIGLIO, Sérgio Settani. O papel da memória na construção da identidade organizacional: a sociedade jockey club (1868-1932) e o “desenvolvimento da riqueza pastoril”. *Recorde*, Rio de Janeiro, v. 10, n 1, p. 1-21, 2017.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; VARGAS, Jonas Moreira; REMEDI, José Martinho Rodrigues. “Uma reunião de carreiras de cavalo”: lazer, esporte e os paradoxos da modernidade no Rio Grande do Sul, séculos XIX e XX. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 45, p. 682-704, 2020.

SCREMIM, Leopoldo. Uvaranas tem novo presidente. *Bem Paraná*. Curitiba: 01jul2019. Disponível em: <<https://www.bemparana.com.br/blog/bem-no-jockey/post/uvaranas-tem-novo-presidente#.XexeZ-hKjIU>>. Acesso em: 08 dez. 2019.

SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E DO TURISMO. Campos Gerais do Paraná. Governo do Estado do Paraná: 2020. Leopoldo. Disponível em: <<http://www.turismo.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=250>>. Acesso em: 08 dez. 2019.

SOPELSA, Renata. De colonos desejados a moradores indesejados: Um estudo sobre a identidade e sociabilidade entre imigrantes (Ponta Grossa-PR, Final do Século XIX). *História: Questões & Debate*, Curitiba: v. 54, n. 1, p. 257-275, jan./jun 2011.

TAVARES, Otavio. Megaeventos Esportivos. *Revista Movimento*, Porto Alegre: v. 17, n. 3, p. 11-35, jul./set 2011.

UEPG. Uvaranas, Bairro de Ponta Grossa. Disponível em: <<https://www2.uepg.br/dicion/uvaranas-bairro-de-ponta-grossa/>>. Acesso em: 23/12/2021.

UNICAMP. *Domingos Ferreira Pinto*: Barão de Guaraúna. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_barao_de_guarauna.htm>. Acesso em: 18/11/2019.

XAVIER, João Francisco Santana; DA SILVA FREITAS, Gustavo; RIGO, Luiz Carlos. Dos Aplausos às Ruínas: uma construção das memórias do turfe no hipódromo da cidade do Rio Grande/RS. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte: v. 17, n. 2, p. 165-191, 2014.

ZULIAN, Rosângela Wosiack. A vitoriosa rainha dos campos: Ponta Grossa na conjuntura republicana. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa: v. 3, n. 2, p. 37-76, 1998.

Recebido em 18 de junho de 2020
Aprovado em 14 de janeiro de 2022